

INFÂNCIAS, MÍDIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UM ESTUDO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Natália Medeiros de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
natalia@nei.ufrn.br

Resumo: Este trabalho visa relatar as experiências vivenciadas durante a realização do projeto de extensão “Imagens em movimento e protagonismo infantil: a produção de audiovisuais na educação da infância”, entre os meses de novembro de 2016 a abril de 2017, no Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O objetivo desta ação foi promover a aproximação das crianças à área de conhecimento Mídia-educação, por meio da criação de curtas-metragens, nos quais os alunos participaram ativamente desde o início: nas etapas de pré-produção, produção e pós-produção. Portanto, nossa intenção é estabelecer a relação possível entre a Mídia-educação e o trabalho com cinema na educação da infância. Além disso, apontamos como elemento essencial no processo de ensino e aprendizagem o protagonismo da criança, que é um ser social competente e capaz. A fim de construir esse diálogo, nos baseamos nos estudos de autores como Freire (1977), Napolitano (2003), Fantin (2011), Moran (1994) e Belloni (2001), entre outros. Por intermédio desse estudo, esperamos que os professores assumam o papel de mediador, respeitando e ouvindo a criança, através do diálogo recíproco. Ainda nesse contexto, queremos deixar em evidência a importância da Mídia-educação e as possibilidades, além de benefícios, do trabalho com cinema na educação da infância.

Palavras-chave: Mídia-educação; Educação da Infância; Cinema.

Introdução

Vivemos em uma sociedade midiaticizada, na qual os veículos de comunicação nos cercam diariamente, modificando nosso modo de ver o mundo e comportamento, assim como os costumes da sociedade. Com as crianças isso não é diferente. A maneira de nos relacionarmos com elas e o lugar que ocupam socialmente está em mudança constante, ficando cada vez mais difícil distinguir um limite entre as idades da infância e a vida adulta (MOMO, 2007).

De acordo com Moran (1994), elas passam cada vez mais tempo envolvidas com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) e, sem intermediação alguma, ficam expostas aos interesses corporativos ou mercadológicos dessas empresas, pois, a mídia, possui um caráter comercial, constituindo um dispositivo de produção e reprodução da indústria cultural. Por isso, cabe ao professor e à escola, o papel de fazer a mediação do contato entre a criança e a mídia, considerando não apenas a leitura crítica dos meios de comunicação, mas também a autonomia da criança ao produzir conteúdo midiático, assim como a utilização das TICs como recurso pedagógico (BELLONI, 2001).

Dentre os veículos de comunicação que podem se tornar objeto de estudo na escola da infância, destacamos o audiovisual, mais especificamente, o cinema, como uma linguagem presente no cotidiano infantil desde cedo e que pode favorecer a formação cidadã e crítica da criança, por meio de ações e reflexões voltadas às experiências de produção e leitura dessa mídia (FANTIN, 2011).

Considerando essa importante contribuição dos meios de comunicação no desenvolvimento e socialização das novas gerações, destacamos o objetivo deste trabalho que é refletir sobre o uso e estudo das TICs na escola, especialmente no caso da linguagem cinematográfica e, por meio do campo de conhecimento da Mídia-educação, abordamos as possibilidades e benefícios do trabalho com cinema na infância. Além disso, destacamos o papel do professor como mediador desse contato, através de diálogos recíprocos, ouvindo o que a criança tem a dizer e respeitando seus conhecimentos prévios e contexto sociocultural.

Buscamos em autores como Belloni (2001), Freire (1977), Moran (1994), Fantin (2011), entre outros, subsídios para tecermos o diálogo no que diz respeito ao estudo dos meios de comunicação na escola, neste caso, mais especificamente, o audiovisual. Comprendemos, portanto, a importância de reconhecer a criança como cidadã que produz e ressignifica a cultura, ou seja, um ser histórico presente em um tempo e lugar, interagindo constantemente com o meio que o cerca. O processo de aprendizagem ocorre no momento que a criança interage com o ambiente e o modifica, ao passo em que também é modificada.

Portanto, este artigo busca relatar as vivências das crianças do 2º e 3º Anos (matutino) do Núcleo de Educação da Infância, no que diz respeito ao campo de conhecimento da Mídia-educação, por meio da realização do projeto de extensão “Imagens em movimento e protagonismo infantil: a produção de audiovisuais na educação da infância”. Esta ação teve como objetivo mediar o acesso dos alunos às novas tecnologias de informação e comunicação, no âmbito do cinema.

Esclarecimentos acerca da Mídia-educação e seus desdobramentos: o cinema como prática pedagógica na educação da infância

Bévort e Belloni (2009), referenciam a importância da Mídia-educação na escola, pois o mundo se encontra cercado pela comunicação e isso não é diferente com as crianças. Pelo contrário, eles são indivíduos ainda em formação e mais suscetíveis à exposição midiática. Faz-

se necessário, então, que a educação seja a mediadora desse contato a fim de construir um cidadão crítico, que compreenda os significados do processo comunicacional e possa também agir como produtor de mídias, deixando de apenas consumir esses meios de comunicação de forma mecânica e inconsciente.

De acordo com Belloni (2001), a mídia-educação refere-se à incorporação dos meios de comunicação e educação ao espaço acadêmico, de modo que a educação leve em consideração o contexto sociocultural e histórico em que o discente encontra-se introduzido atualmente – uma existência cercada de midiatização. Podemos relacionar esse conceito à ideia de Freire (1977), que nos orienta a trazer para escola esses temas que são vivenciados na realidade das crianças, pois a comunicação, assim como a educação, baseia-se na realidade.

Por mídia-educação convém entender o estudo, o ensino e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas, o que é diferente de sua utilização como auxiliar para o ensino e a aprendizagem em outros campos do conhecimento, tais como a matemática, a ciência e a geografia. (UNESCO, 1984)

O intuito de tornar os meios um objeto de estudo, pode nos transportar diretamente para o pensamento de Moran (1994), quando o mesmo sugere a criação de um ambiente específico para análise das mídias. Podemos perceber então, que a mídia-educação possibilita esse diálogo entre as duas áreas e pode agir como a facilitadora desse contato midiático para os educandos, permitindo que eles consigam significar e ressignificar esses códigos, além de desenvolver uma visão crítica e autonomia de produção.

Nesse contexto, destacamos o cinema como uma forma proveitosa de ensino/aprendizagem, visto que as crianças desde cedo desenvolvem a capacidade de ler e interpretar imagens (NAPOLITANO, 2003). Ao observar a narrativa dos filmes, o desfecho da história e o desenrolar da trama, as crianças estão exercitando suas habilidades de compreensão e produção de sentido. Além disso, o audiovisual pode oportunizar debates em sala de aula, nos quais os alunos consigam socializar suas visões e experiências, bem como, respeitar a opinião dos seus colegas.

A dimensão pedagógica do cinema pode ser vista de diversas maneiras, conforme aponta Fantin (2011):

Considerar o cinema como um meio significa que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sociopolítico-cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação, de educação e de fruição. (FANTIN, 2011b, p. 110)

Ainda de acordo com a autora, esse veículo comunicativo pode ser considerado um dos eixos da Mídia-educação, estando presente em diferentes perspectivas e possibilidades, que podem ser artísticas, intelectuais, sociais e psíquicas. Em outras palavras, existem várias formas de estabelecer a relação cinema/educação: a escola pode tratar o cinema como recurso didático, objeto de estudo, como a *media* que ele é e, até mesmo, como uma forma de exteriorização de emoções e pensamentos.

Considerar a importância desses estudos na educação da infância, reflete da necessidade de considerar o contexto sociocultural no qual o educando está inserido. O professor não deve ignorar o fato de que as mídias estão presentes na realidade da criança, portanto, ele deve assumir o papel de mediador desse contato. Respeitar os conhecimentos prévios e estabelecer diálogos recíprocos com o aluno, é auxiliar no seu desenvolvimento crítico e cidadão, promovendo uma educação de fato libertadora (FREIRE, 1977).

O projeto de extensão “Imagens em movimento e protagonismo infantil: a produção de audiovisuais na educação da infância”, coordenado pelo Prof. Dr. Sandro Cordeiro, foi realizada pelo Núcleo de Educação da Infância em parceria com o Centro de Educação e o Departamento de Comunicação Social da UFRN, com o objetivo de possibilitar, às crianças e professores, uma educação através das mídias, mais especificamente, o cinema. Para isso, foi criado o I Festival de Curtas do NEI - CAP/UFRN, no qual os discentes poderiam exibir suas produções audiovisuais, construídas mediante seus próprios esforços. Neste artigo, buscamos relatar as experiências das turmas do 2º e 3º Anos do turno matutino, que resolveram trabalhar juntos, a fim de montar seu filme.

O projeto constituiu-se em três etapas básicas: pré-produção, produção e pós-produção. Primeiramente, montamos um cartaz divulgando a abertura das inscrições para o I Festival de Curtas, convidando as turmas a participarem dessa ação. Portanto, o interesse das crianças em participar, ou não, foi levado em consideração desde o início do planejamento. Ao receber as inscrições, a equipe do projeto organizou oficinas de cinema, de acordo com a faixa etária dos alunos que iriam estar presentes. Após a realização da oficina, acontecia a divisão de tarefas e

os próprios alunos discutiam sobre o que seria seu filme e o como seria efetuado, dando início à etapa da produção.

Na produção, foram feitas as gravações propriamente ditas, nas quais as próprias crianças executavam aquilo que havia sido planejado por elas, juntamente à equipe e professores. Na pós-produção, acontecia a edição de todo o material audiovisual. Era o momento de assistir, corrigir ou modificar o filme, segundo os outros alunos concordaram, pois, por se tratar de uma etapa delicada, não era possível que toda a turma estivesse presente neste momento, ficando à cargo dos alunos designados para o próprio momento da edição. O resultado dos trabalhos foi socializado na programação do I Festival de Curtas do NEI – CAp/UFRN, realizado em 2017.

Um relato de experiência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

O terceiro ano matutino era uma turma com crianças um pouco mais maduras, mesmo com a faixa etária entre 8 e 9 anos. O conteúdo ministrado na oficina de produção de vídeo já era bastante sintetizado, mas não foi necessário resumir no momento da explicação. As crianças se mostraram bastante entusiasmadas ao saberem que poderiam produzir seu próprio filme e nos contaram também seus conhecimentos prévios e dúvidas sobre o assunto.

Começamos a oficina explicando o motivo de estarmos ali e o que seria o evento que estávamos planejando, então, questionamos se as crianças sabiam o que é um festival e uma delas respondeu que “um festival é tipo uma festa”. Tendo como base essa resposta, explicamos que festivais também podem funcionar como mostras ou concursos de filmes e músicas, e o nosso seria um momento em que eles exibiriam seus curtas-metragens para os colegas e familiares.

“Mas o que é um curta?”, perguntamos, e algumas crianças responderam que “um curta é um filme curto” e que “é um episódio pequeno. Diante desse momento de interação, prosseguimos explicando sobre os tipos de filmes: curta, média e longa-metragem. Depois disso, mostramos os variados gêneros cinematográficos e o que eles significavam, exemplificando com cartazes de cinema. Algumas das observações feitas por eles foram: “um filme de horror é um filme que tem coisas nojentas”, “um filme histórico é um filme que conta coisas que aconteceram na história”, “*Harry Potter* é um filme de fantasia porque tem magia” e “documentário é um filme que mostra coisas reais”.

Também perguntamos à turma o que era necessário para produzir nosso curta e eles responderam: “(para gravar o curta) precisamos de uma câmera” e “precisamos de uma história para fazer o filme”. Aproveitando essa interação, iniciamos parte do conteúdo que falava sobre roteiro e planejamento. Mostramos o passo a passo para criação do roteiro, que para virar filme o roteiro precisaria de um tema e gênero, também seria necessário definir os atores, figurinistas, sonoplastas, cinegrafistas, cenógrafos, editores (para acompanhar a edição na sala de coordenação), diretor e roteiristas – assim como explicamos sobre o que cada um desses trabalhos é responsável.

Ainda durante a oficina, o 3º Ano aprendeu que é possível adaptar livros e lendas para o cinema, assim como é possível regravar filmes lançados anteriormente (remake) e, é claro, que eles também poderiam começar uma história nova sobre algum tema que lhes agradasse. Para finalizar, eles viram quais as funcionalidades da câmera seriam necessárias para produção do audiovisual e conversavam bastante animados sobre os papéis que gostariam de exercer na produção do filme.

Quanto à turma do segundo ano matutino, abrangia crianças com a faixa etária entre 7 e 8 anos e elas conseguiram interagir com bastante animação durante a atividade. Mesmo que, até aquele momento, ainda não tivessem desenvolvido atividades com recursos audiovisuais, muitas das crianças se mostraram conhecedoras de cinema e compartilharam seus saberes e dúvidas com muito entusiasmo.

Antes de iniciarmos a oficina de produção de vídeo, questionamos se era de interesse das crianças participar do evento que estávamos propondo e se eles gostariam de produzir um filme para ser apresentado nesse Festival. A decisão pelo “sim” foi praticamente unânime e, com isso, começamos a desenvolver a atividade planejada. Questionamos o que eles entendiam por “festival” e um deles respondeu: “eu acho que festival é como se fosse uma festa”.

Dando continuidade, perguntamos então o que seria um curta e o que seria esse Festival de Curtas que tínhamos criado. “Curta é um filme que dura menos tempo que os filmes do cinema”, respondeu uma das crianças. Então, explicamos de forma simplificada que o Festival de Curtas era um evento no qual eles poderiam “fazer seus próprios filmes” e depois apresentá-los para seus colegas e familiares. Também aproveitamos a oportunidade para mostrar os três tipos de filmes e a diferença entre eles, ou seja, o que são curtas, médias e longas-metragens.

Mostramos também os mais comuns gêneros cinematográficos e seus significados, exemplificando com filmes já conhecidos pelo público infantil. A turma continuou a interagir e mostrar seus conhecimentos prévios sobre o assunto, mencionando: “ficção científica é tipo *Jogos Vorazes*”, “um documentário pode ser um filme sobre peixes”, “pode ter dinossauros (sobre filmes históricos)”. Continuamos com a oficina e ainda falamos que filmes podem ser adaptados de livros, contos, histórias em quadrinhos, baseados em fatos reais ou, histórias originais.

Ainda explicando o que seria necessário pensar e providenciar antes de gravar o curta: “precisa de cenário”, “precisa de fantasias”, “precisa de uma câmera” e “precisa de uma história”, perguntamos se a turma sabia o que é um roteiro e eles responderam: “roteiro é tipo um filme escrito em papel”. Falamos ainda para as crianças que, além do gênero, eles também precisariam pensar em qual seria o tema do audiovisual. “O tema é o assunto do filme, eu acho. Já que o filme tem que ter alguma coisa, senão as pessoas vão ficar só paradas e sem saber o que fazer na hora”, esclareceu uma delas.

Com essa resposta, prosseguimos a ministração falando sobre o planejamento inicial e os papéis que são desenvolvidos pelas pessoas que trabalham na indústria cinematográfica. Algumas dessas funções já eram bem conhecidas para as crianças e eles acrescentaram: “diretor é quem diz ‘luz, câmera, ação’”, “diretor também diz corta”, “diretor corrige quando alguém diz a fala errada”, “figurinista é quem cuida das roupas dos personagens” e “os atores têm que decorar as falas”. Mostramos, para finalizar, como eles poderiam usar a câmera no momento da filmagem e deixamos para eles a atividade de pensar em como dividiriam as tarefas e funções a fim de finalmente produzir o curta-metragem.

Marcamos, então, o dia no qual foram gravadas as primeiras cenas do *making off* que as crianças sugeriram fazer. Eles estavam fazendo a leitura dramática do roteiro e aproveitamos para captar alguns momentos dos bastidores. Tudo foi produzido juntamente com o 2º Ano (manhã) e eles construíram uma história sobre a chegada das navegações (tema de pesquisa do 2º Ano) e o encontro com os indígenas (tema de pesquisa do 3º Ano).

As funções também já haviam sido delegadas, ao passo em que o roteiro foi criado e as duas turmas se dividiram em equipes para a montagem do curta. Eles escolheram quem seriam os atores, sonoplastas, editores, diretores, cinegrafistas, figurinistas e cenógrafos: tudo foi muito

bem planejado e sempre contando com o protagonismo das crianças, assim como respeitando sempre suas opiniões, durante todo o processo.

Também foi realizada previamente uma gravação em estúdio com todas as crianças do 2º Ano, na qual eles cantaram uma das músicas tema de seu filme: aquela que seria exibida junto com os portugueses nas caravelas. A outra música, que seria cantada no momento da filmagem, ilustrava o momento do encontro dos portugueses com os indígenas, ao desembarcarem no Brasil. Ambas as músicas eram distintas e foram escolhidas de acordo com o momento do filme. A narração também foi gravada previamente apenas com a criança que faria o papel de narrador, ficando por último apenas a filmagem final.



Figuras 1 e 2 – Gravação do curta-metragem “As grandes navegações portuguesas e a conquista do Brasil”, produzido pelas crianças do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental.
Fonte: Acervo do projeto

Logo depois iniciamos a gravação do 2º Ano. O cenário foi montado no auditório do NEI e o objetivo era simular o interior de uma caravela portuguesa. Pedacos de TNT foram usados para simular o mar e a madeira do navio, além disso, também contamos com objetos cenográficos como uma bandeja de comida cheia de insetos e um rato de brinquedo para interpretar a realidade vivida pelas pessoas que viajavam nesses barcos.

As crianças, mesmo sem o roteiro em mãos, seguiam de forma certa tudo que havia sido planejado previamente. Todos sabiam seus momentos de atuação, os diretores tinham todas as cenas em mente, e os cinegrafistas se esforçavam para captar todas as imagens nos melhores ângulos possíveis. No final, gravamos uma rápida cena com uma caravela de brinquedo, onde a colocamos em uma bacia cheia de água e foram improvisadas algumas bolhas para encenar o mito, alimentado naquela época, de que as águas eram ferventes do outro lado do mundo. Houve

também um momento em que as crianças mostraram alguns monstros em cena - representando a fantasia que se acreditava naquele tempo.

Após esse momento, seguimos a gravação com o 3º Ano que já estava preparado do outro lado da escola. Eles vestiam roupas de banho e se enfeitaram com pinturas indígenas, cocais e saias de penas. Pelo fato de todas as crianças estarem vestidas de acordo com seus papéis e sempre participarem das cenas, no momento do 3º Ano, um dos adultos teve que gravar as imagens. O cenário foi natural, fazendo uso das árvores existentes no parque, mas as crianças providenciaram objetos cenográficos que remetessem às aldeias indígenas: cestas, arpões, arcos e flechas, frutas e peixes – além de um mar feito de cetim azul. Além disso, também foram providenciados objetos para serem trocados com os portugueses no momento em que eles chegassem ao Brasil, como espelhos, colares e terços.

As crianças que interpretaram os indígenas também estavam bastante organizadas. As palavras faladas eram sempre em tupi e eles interpretaram o momento da canção dançando em volta do cajueiro. Apanharam frutas nas árvores, pescaram e encenaram a montagem de uma cesta, antes da chegada dos portugueses. A interpretação no momento da troca também foi bastante realista, mostrando a surpresa de ambos os grupos ao se depararem com pessoas tão desconhecidas como aquelas.

Quando chegamos à etapa da pós-produção, foi a vez da equipe de edição do 2º Ano fazer suas contribuições finais para a produção do filme. Um grupo pequeno ficou encarregado dessa função e, ao começarmos, eles se apropriaram completamente do processo: não só sugeriram, como cortaram partes desnecessárias, fizeram mesclagens e correções de imagens, ajustaram o áudio e ainda revisaram as cenas para constatar se ainda existia algum erro a ser reparado. A participação do adulto nessa etapa foi feita apenas em um momento posterior, pois pequenos ajustes ainda eram necessários para finalização do vídeo.

No momento de socializar as produções, dentro da programação do I Festival de Curtas do NEI – Cap/UFRN, conseguimos notar as expressões entusiasmadas dos participantes, bem como o olhar orgulhoso e, muitas vezes crítico, sobre o conteúdo produzido. O evento foi dividido em dois dias, com o objetivo de atender às turmas dos turnos matutino e vespertino. Além disso, as professoras Mirian Moema (DECOM – UFRN) e Karyne Coutinho (CE – UFRN) foram convidadas a participar das sessões como críticas de cinema, para comentar sobre as obras produzidas e parabenizar o trabalho das crianças no processo de construção dessas

obras audiovisuais. Nesta primeira versão do projeto, ao todo, nove turmas participaram, dentre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Percebemos o quanto aquele aprendizado havia sido significativo e prazeroso, contribuindo para sua formação consciente acerca da visualidade que os cerca.

Algumas considerações e contribuições

Esta ação contribuiu de forma significativa para o trabalho com as mídias no Núcleo de Educação da Infância, pois, os professores puderam também se envolver nesse trabalho e incorporá-lo à sua prática pedagógica, de forma a desmistificar o trabalho com as tecnologias de informação e comunicação na escola: mostrando que é possível trazer as mídias para o cotidiano da escola pública de forma benéfica, facilitando o protagonismo da criança em seu próprio processo de aprendizagem.

Além disso, destacamos o diferencial do nosso trabalho ao considerar que a mídia foi utilizada não apenas como suporte de uma outra linguagem de conhecimento ou, ainda, um passatempo (únicas formas ainda utilizada por muitos professores). Tratamos, aqui, de um estudo *sobre* as mídias, *com* as mídias e *através* das mídias: o qual tornou o cinema um objeto de estudo para um público de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, considerando todas as suas especificidades, bem como os fazeres e saberes desse veículo comunicacional, oportunizando aos educandos e educadores a produção e aprendizados significativos acerca dessa mídia.

Essa prática foi possível de ser executada graças à proposta pedagógica do NEI, que estabelece a Mídia-educação como campo conhecimento e promove a participação dos professores e discentes no processo de ensino e aprendizagem, por meio da relação dialógica. Através dessa dedicação da instituição em construir diálogos com as mídias, os docentes e as crianças conseguem desenvolver a autonomia necessária para assumir o papel de produtores criativos e leitores críticos dos meios de comunicação e das múltiplas linguagens que os cercam, como o cinema, por exemplo.

Em suma, por meio deste estudo, buscamos ressaltar a importância da Mídia-educação que caracteriza-se através da inserção dos meios de comunicação na escola, especialmente o cinema, além de abordar algumas das possibilidades pedagógicas a partir do estudo dessa mídia. Ainda nesse contexto, também abordamos a relevância do professor assumir o papel de

mediador no contato com os meios, promovendo diálogos participativos e recíprocos com as crianças.

Podemos observar que as TICs têm um grande potencial educativo, desde a escola consegue trabalhar esses recursos de maneira proveitosa. Diante da sociedade globalizada em vivemos, não adianta as instituições ignorarem ou marginalizarem as mídias. As crianças terão contato com os meios o tempo todo em seu cotidiano, especialmente com o audiovisual e, sem mediação alguma, ficam apenas expostas aos interesses da indústria cultural.

Portanto, reafirmamos que cabe à escola incorporar o estudo das tecnologias de informação e comunicação, podendo assim, contribuir com a formação autônoma e consciente de suas crianças, que são sujeitos ativos e portadores de suas próprias habilidades. Levando-se em consideração esse contexto sociocultural dos educandos, eles poderão ler os veículos comunicativos de forma crítica e, ainda, deixar o lugar de consumidores inativos, tornando-se também, produtores de conteúdo midiático, protagonistas de seu próprio aprendizado.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BEVORT, Evelyne and BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Educ. Soc. [online]. 2009, vol.30, n.109, pp.1081-1102. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302009000400008>>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

FANTIN, M. **Crianças, cinema e educação: além do arco-íris**. São Paulo: Annablume, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

MOMO, M. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola**. Porto Alegre, 2007. 366p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MORAN, J. M. **Os Meios de Comunicação na Escola**. Série Ideias n.9. São Paulo: FDE, 1994.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

ORGANISATION DES NATIONS UNIES POUR L'EDUCATION, LA SCIENCE ET LA CULTURE (UNESCO). **L'éducation aux médias**. Paris, 1984.